

## HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA ENTRE OS KANINDÉ DE ARATUBA-CE E OS PYTAGUARY DE PACATUBA-CE.

Francisco Wallison Batista de Lima<sup>1</sup>, Roberto Kennedy Gomes Franco<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho demonstramos a história da educação indígena das Kanindé de Aratuba e dos Pytaguary de Pacatuba aleijamos a compreensão acerca do surgimento e o significado da educação escola indígena para dois povos, isso mostrando por meios de falas de algumas professoras que atuam na instituição de ensino, na oportunidade conheceremos as dificuldades e os desafios de se atuar como professores indígenas, dentre os desafios exposto está o lidar com a duplicidade de currículo, e também a relação com o próprio estado que não demonstra sensibilidade em resolver os conflitos existentes. Com isso tentamos também entender como a escola indígena se torna um importante instrumento de resistência, uma vez que as comunidades se apropriam do espaço como um lugar de afirmação, memória e ancestralidade para cada povo.

**Palavras-Chave:** EDUCAÇÃO. INDÍGENA. IDENTIDADE. MEMÓRIA. ESCOLA.

---

<sup>1</sup>Bolsista de iniciação científica e graduando do curso Bacharelado em Humanidade do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, , E-mail: wallisonbatistalima@outlook.com.

<sup>2</sup> Orientador da pesquisa apresentada neste trabalho e professor adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira-UNILAB, Instituto de Humanidade e Letras, E-mail: robertokennedy@unilab.edu.br.

### INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi desenvolvido a partir de um projeto de iniciação científica desenvolvido entre os anos de 2015 e 2016, onde objetivamos compreender os percursos históricos do ensino e aprendizagem nas escolas indígenas Manoel Francisco dos Santos do povo Kanindé em Aratuba e Ita-Ara do povo Pytaguary em Pacatuba, compreendemos essas aspectos por meio das falas dos próprios professores indígenas que vivenciam a dinâmica das escolas, objetivamos o entendimento acerca das dificuldades de ser um professor indígena.

Entretanto para que pudessemos compreender esse processo foi necessário atentarmos para as contradições existentes entre os parâmetros curriculares para a educação indígena diferenciada no Brasil entendendo os limites e às possibilidades na execução dos trabalhos diferenciados e as dificuldades que surgiram no decorrer do processo de construção da escola diferenciada, pensando em uma instituição que atenda as necessidades comunitárias dos povos, para isso foi fundamental analisar as narrativas do trabalho docente na execução

dessa proposta de educação inovadora, partindo de uma análise de conjuntura para a compreensão do processo de formação dessa educação escolar indígena diferenciada entre esses dois povos, isso por meio da caracterização desses sujeitos sociais enquanto agentes importantes no processo de transformação de suas próprias realidades, e da própria escola indígena como mecanismo de alteração do pensamento cultural elucidando a identidade e ancestralidade presente na cultura popular vivenciada cotidianamente nas relações sociais e culturais construídas em comunidade. Segundo Melià (1979, p.11) aponta que:

Os povos indígenas sustentaram sua alteridade graças a estratégias próprias, das quais uma foi precisamente a ação pedagógica. Em outros termos, continua havendo nesses povos uma educação indígena que permite que o modo de ser e a cultura venham a se reproduzir nas novas gerações, mas também que essas sociedades encarem com relativo sucesso situações novas.

Por fim percebemos que apesar de todas as dificuldades observadas à educação indígenas se torna uma forma de resistência, uma vez que a gestão pedagógica da instituição cria inúmeras estratégias para incluir dentro do currículo escolar debates e temáticas voltadas exclusivamente para gestão indígena local com também nacional, criando vários projetos como forma de incentivar a participação dos jovens, sobre a resistência, sobre a educação como forma de resistência.

## METODOLOGIA

Utilizamos o método observação participante, revisão bibliográfica, e também o método etnográfico, pois precisávamos vivenciar as realidades para assim levantamos as informações desejadas e para isso entendemos serem fundamentais à aproximação dos indivíduos que são agentes de mudanças dentro destas comunidades para reunimos as informações. O método de revisão bibliográfica utilizado objetivou um resgate histórico dos povos indígenas no Brasil e no Ceará perpassando especificamente pelo os Pytaguay de PACATUBA-CE e os Kanindé de ARATUBA-CE que foram as duas aldeias estudadas, entendermos o percurso histórico desses povos, para compreendermos os acontecimentos passados e os atuais.

Estamos usando também o método de entrevista, com os professores, diretores, coordenadores das referidas escolas, participando na medida do possível da vivência e do cotidiano da mesma, para sentimos as dificuldades enfrentadas pelos docentes, fazendo observação participante para reunir maior quantidade de informações possível para nos

respalda nos resultados da pesquisa, os trabalhos foram desenvolvidos com a proposta de contribuir com a desmistificação da ausência do índio no Ceará e também informar como estão sendo levadas às questões da educação escolar indígena no estado, as dificuldades da implantação das políticas públicas voltadas para esses povos, buscamos dar visibilidade a luta histórica desses sujeitos, que mesmo diante de todo o massacre praticado contra suas culturas não se rederam a opressão do colonizador, por isso é de extrema importância avançamos na construção de outro pensamento social e político em relações aos povos indígenas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os primeiros movimentos educativos nos Kanindé iniciam em 1999, quando começaram articulações de reconhecimento dos índios Kanindé que também reivindicavam juntamente com o movimento indígena em âmbito nacional pelos direitos de uma educação específica e diferenciada para suprir as necessidades educacionais do povo. Enfrentaram então os primeiros passos para a conquista da tão sonhada escola que tinha como princípios a reafirmação da identidade do povo, como também alfabetização de crianças indígenas através da história e da oralidade ancestral indígena, vinda de seus troncos velhos.

Assim como entre os Kanindé de Aratuba em 1980 a educação escolar indígena no Brasil passou por grandes mudanças, pois os mesmos conquistaram o direito a uma educação escolar diferenciada na qual tinha por objetivo resgatar suas memórias ancestrais, sua cultura e a língua, essa proposta objetivava ser uma forma de transmissão de conhecimento, onde haveria a institucionalização através da escola e também por meio de conteúdos sistemáticos que seriam repassados em sala de aula com pedagogias educacionais que atendessem as demandas das pluralidades indígenas com uma escola comunitária e intercultural, comunitária porque deveria atender aos anseios da comunidade que lutasse pelo a resistência de sua identidade indígena, intercultural porque vivem diferentes culturas e etnias num mesmo território, portanto percebe-se a importância da consolidação de uma educação que atendessem a autonomia dos povos indígenas como também o respeito a suas organizações sociais.

Entretanto nos Pytaguary em 2001-Jeová com Célia (FUNAI) e algumas lideranças da comunidade, iniciaram a proposta da criação da escola indígena diferenciada Ita-Ara, os mesmos incentivaram as pessoas da aldeia para a elaboração de uma proposta de educação voluntária, onde se dispõem inicialmente as professoras Gerliene, Régias, Valdenira e Vitória que trabalharam prestando serviço à comunidade. Somente em 2002 com a demanda da minua crescendo a cada dia, as



lideranças juntamente com os professores voluntários reivindicaram junta à secretária de educação do município de Pacatuba pedido junto às mesmos uma solução para resolver os problemas relacionados à institucionalização dessa escola iniciada voluntariamente no âmbito municipal, a prefeitura atendendo a esse pedido da comunidade disponibiliza dois salas de aulas dentro da escola municipal Maria de Sá Roriz com 57 alunos em turmas multiseriadas. Segue abaixo a imagem do prédio das duas instituições pesquisas.

As escolas diferenciadas passaram a existi da necessidade dos povos, em reforça a estrutura do movimento organizacional do povo e a luta pela terra conjuntamente com as reivindicações pelos direitos de uma educação especifica e diferenciada para suprir as necessidades das comunidades em relação à educação, Porém foi necessária resistir para conquistar da tão sonhada escola que tinha como princípios o prosseguimento a cultura do povo, Alfabetização de crianças indígenas através da história e da comunidade indígena e suas origens.

## CONCLUSÕES

Conclui-se então que a partir dos relatos aqui feitos o quanto é importante à compreensão da problemática da educação escolar indígena no Brasil, tendo em vista que esses sujeitos fora e são historicamente excluindo e apagados da história brasileira e das politicas básicas de inclusão e de reparo por danos cometidos contra esses indivíduos, sabemos que foi um na amplitude macro, pois todo esse processo deixou marcas profundas nos psicológicos dessas populações indígenas.

Em um ano de pesquisa tivemos a oportunidade de nos aproximarmos dessas comunidades e vivenciarmos a realidade que a educação indígena hoje no estado do Ceará, é perceptível a existência de inúmeras contradições onde de um lado o estado com suas institucionalizações burocráticas que não resolver o problema nem com a criação de leis, por que a mesma é ignorada por quem devia cumpri-la e de outro as contradições dos próprios indígenas que não acreditam na proposta de educação diferenciada, mais por um lado eles têm razão, pois a forma como a escola indígena é feita hoje é semelhante a uma escola tradicional, e isso por inúmeras razões e cita aqui algumas a falta de setores da sociedade politica brasileira que não concorda em beneficiar essas minorias que travam os avanços significativos para a consolidação da proposta de educação verdadeiramente diferenciada que respeite a autonomia do professor, que seja intercultural, ancestral e principalmente que tenha como base fundamental o resgate e reconstrução da identidade indígena dando a ele a dignidade.

Concluimos que a educação diferenciada ainda precisa-se quebrar muitas barreiras para que ela realmente se torne aquilo que se propôs, partindo da realidade que estudamos nas

duas escolas, pois as dificuldades estão em todos em todos os níveis de poderes, governo que não propõe medidas efetivas, a secretária de educação que não dispõe de recursos suficiente nem meios institucionais para a implantação dessas políticas, os professores que lidam com as contradições existentes, e ainda tem que atender as demandas da comunidade relação a educação indígena, sofrendo pressões externas da secretária de educação e internas da comunidade, porém vivenciam uma realidade totalmente diferente com seus alunos em sala, então entendemos que a proposta de educação diferenciada ainda precisa desenvolver inclinndo-se para os sujeitos a quem a mesma procurar atender.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço meu orientador Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco que no decorrê de um ano de pesquisa sempre se mostrou sensível as dificuldades na realização do plano de trabalho, também a UNILAB pela a oportunidade de está uma universidade pública e ter acesso esse mecanismos como projetos de iniciação científica que é de extrema importância para fomentação de vidas acadêmicas dos discentes.

## REFERÊNCIAS

MELIÀ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

SILVA, Antônia Vitória Guilherme da. **Entrevista realizada na escola Ita-Ara em Pacatuba-CE, 19/03/2016.**

ALEXANDRE, Rita da Silva. **Entrevista realizada na Francisco Manoel dos Santos em Aratuba-CE, 26/03/2016.**